

Considerações acerca da crise política do Partido dos Trabalhadores

Maria Izabel Lagoa

A presente crise que assola o Partido dos Trabalhadores coloca como fundamental a análise do seu verdadeiro significado. Afinal ao longo dos seus 25 anos de história PT cresceu e se desenvolveu tornando-se o principal partido de esquerda do Brasil e até da América Latina. Assim quando em 2002 o PT consegue a sua primeira vitória nas eleições presidenciais, alcançando um total de 64% dos votos, uma quantidade de votos sem precedentes na história do país, é a primeira vez não apenas no Brasil, mas em toda a América que um operário é eleito presidente da república. Tudo isso nos leva a reconhecer a enorme importância significativa da vitória petista não apenas no Brasil, mas no mundo, visto que apesar de não pertencer a uma esquerda comunista se insere num mais amplo leque da esquerda trabalhista.

Diante disso compreender o verdadeiro caráter da crise do partido significa antes analisar a totalidade do processo histórico pelo qual o partido passou até chegar neste momento onde ao conquistar a presidência do país é atribulado por denúncias de corrupção.

A trajetória histórica do PT é excepcional, o partido surge e se desenvolve no cenário político brasileiro justamente no momento em que o movimento operário internacional encontra-se em um forte refluxo.

As greves do ABC paulista das quais o PT emerge terão um profundo significado na organização partidária. Esse movimento grevista que se inicia no final dos anos 70 coloca no centro da política nacional os trabalhadores, fazendo ressaltar o aspecto qualitativo do novo proletariado que se conforma a partir dos anos 60.¹ Essa classe operária que se conforma no ABC paulista surge justamente em uma região de maior tecnologia de ponta no país, o que possibilita a eclosão das greves nessa região. Todavia apesar dessa característica proporcionar a esse operariado uma maior consciência de sua condição social, ela é ao mesmo tempo resultado de um período político em que o socialismo é afastado de qualquer discussão devido a repressão política.² Esse aspecto é fundamental para compreendermos que apesar de ser uma classe operária que avança no momento em que retira o movimento operário brasileiro de sua letargia, é também uma classe operária sem cultura socialista ou comunista e mesmo até sem cultura política.³ Conseqüentemente tais greves foram marcadas por uma espontaneidade do movimento, ou seja, por uma consciência permeada pela práxis utilitária, onde o operário se encontra imediatamente vinculado ao cotidiano. Esse tipo de consciência coloca o homem em condições de orientar-se no mundo, de familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporciona uma compreensão das coisas e da realidade.⁴ Dessa forma as greves serão muito marcadas por um antagonismo entre os operários e os

¹ Ver BERBEL.M. Partido dos Trabalhadores: Tradição e Ruptura na esquerda brasileira (1978-1980).Dissertação de Mestrado, SP, FFLCH,Dept.De História, USP, 1991.

² A respeito da situação da esquerda neste momento ver: MAZZEO, Antônio Carlos. *Sinfonia Inacabada: política dos comunistas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 1999; REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo: Brasiliense, 1990; RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Unesp, 1993.

³ Ver OLIVEIRA, F. *Qual é a do PT*. In: E agora PT?: caráter e identidade. São Paulo: Brasiliense,1986.

padrões isolado, mas que ainda não expressa a consciência da totalidade do real, a contradição fundamental entre Capital e trabalho.

Quando o partido surge no cenário político brasileiro ele se torna um grande pólo aglutinador de militantes de esquerda que buscavam uma nova forma de atuar politicamente. Conjuntamente com o grupo de sindicalistas – que possuíam uma escassa formação política – que impulsionavam o caráter espontaneísta do movimento, as correntes social-democratas de esquerda, as organizações armadas e principalmente os militantes católicos também viriam a corroborar com o espontaneísmo do partido. Os diferentes intelectuais e militantes com experiência política e cultural socialista anterior rejeitavam a história política do operariado precedente (principalmente o PCB), pois acreditam que até então a esquerda não fora suficientemente obreirista para merecer o caráter de partido da classe operária.⁵ Além disso, os próprios setores dos movimentos sociais que aderem ao PT carecem, ao seu modo, de uma cultura política socialista. Dessa forma a hegemonia construída no partido se estruturou em torno de uma grande rejeição ao conceito de vanguarda, própria de uma cultura política que nega a mediação teleológica como instrumento privilegiado de ação na realidade.

Nos primeiros anos de existência — a década de 80 — o programa político-petista, ainda encontra-se muito permeado pelas características das greves do ABC paulista. Nesse sentido, o programa do partido neste período adotou um grande teor de confrontismo imediato⁶ frente ao aparato estatal, característico destas greves. O que fica evidente nestes programas políticos é a dificuldade do partido manter uma unidade política frente a sua constituição heterogênea, além de preservar o seu caráter espontaneísta que o impede de realizar uma análise mais mediatizada da realidade. Dessa maneira o partido fica preso a elaborações políticas genéricas, próprio da heterogeneidade e da imaturidade do partido, incapaz de criar as bases para um projeto estratégico.

No momento em que o PT emerge da insatisfação dos trabalhadores do movimento sindical e outros movimentos sociais, ele surge como a possibilidade de superar as contradições as quais a esquerda brasileira carregara até então. Assim, se podemos dizer que existe uma novidade⁷ no surgimento do PT, ela se encontra justamente nisto, de surgir como um partido extremamente vinculado aos movimentos sociais em um momento em que o movimento operário internacional entra em refluxo. Todavia esta novidade não se apresenta como a solução as diversas questões pelas quais a esquerda brasileira enfrentou e o PT enfrenta, de fato, essa novidade somente proporciona ao PT a possibilidade da superação destas questões e a sua conformação como um partido efetivamente da classe operária que vise a construção de sua hegemonia político cultural, enquanto potencial, um “vir a ser”. Entretanto no transcorrer dos anos 80, período de sua conformação enquanto partido, esse potencial é soterrado pelo mesmo fator que proporcionou seu surgimento, o espontaneísmo das massas⁸. Tal espontaneísmo não permitiu que o

⁴ Ver KOSIC, K. *Dialética do concreto*. 6ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. Isolado no aspecto fenomênico da realidade, a consciência espontânea não consegue compreender a essência das coisas, uma vez que esta não se manifesta imediatamente, mas sim é mediada pelo fenômeno

⁵ Ver OLIVEIRA, F. *Qual é a do PT*. In: E agora PT?: caráter e identidade. Op.cit. pg.15 Como o próprio autor salienta essa negação reflete na verdade o desconhecimento da história do PCB, que apesar de seus diversos erros táticos e estratégicos apresentou em diversos momentos um caráter obreirista.

⁶ Imediato no sentido em que se baseia em uma consciência limitada aos aspectos fenomênicos da realidade.

⁷ Nesse sentido concordamos com Francisco de Oliveira em *Qual é a do PT?* In: Sader.(org). E agora PT: caráter e identidade. São Paulo: Brasiliense, 1986. Neste artigo, Oliveira nega esse caráter de novidade, pois os que o defendem não levam em consideração as demais organizações de esquerda que estabeleceram tal vínculo ainda que mais tarde se desligassem.

⁸ Quanto ao caráter espontaneísta que o PT absorver do movimento das massas ver Antunes. *A rebeldia do trabalho: O confronto operário no ABC*. Op. cit. A respeito da espontaneidade das greves do ABC paulista ver também Chasin em: *As máquinas param: germina a democracia*. , op. cit. e FREDERICO. *A esquerda e o movimento operário*

partido superasse o imediatismo de suas análises, impedindo que se realizasse uma profunda análise histórica da realidade brasileira e conseqüentemente a elaboração de um projeto político consistente capaz de elevar a consciência política do movimento social e conduzir o processo de construção de uma hegemonia operária forte o suficiente para polarizar com a hegemonia burguesa. Ao contrário, ao estabelecer que o programa do partido fosse construído através do movimento espontâneo das massas, o PT, refém de um movimento social sem cultura política, se torna incapaz de elaborar um programa político consistente. Somado a isto, o partido na ânsia de exorcizar o passado cai na tentação de desconsiderá-lo mesmos em seus aspectos positivos. Essa combinação levará ao PT a reviver os dilemas históricos da esquerda brasileira e mundial.

Na senda do aumento do papel institucional do partido, apesar de manter uma retórica socialista, muito mais para o público interno, prevalece a opção por um programa político nitidamente de reformas. Sem dúvida numa sociedade como a nossa até mesmo as reformas se revestem de uma certa radicalidade, todavia ao aceitar o caminho eleitoral como o principal, omite a pequena margem de reformas que o capital admite e principalmente nega a possibilidade de transformação revolucionária da sociedade. Desta forma o partido fracassa ao tentar compatibilizar sua função institucional com a exigência de se constituir como partido estratégico, socialista, dirigente e militante. Ao contrário, acaba transformando a luta pela construção da hegemonia da classe trabalhadora em uma luta pelo aparelho do Estado.

No decorrer da década de 80 e 90 o PT cada vez mais foi conquistando vitórias em eleições municipais e estaduais e ampliando sua inserção na sociedade até os setores da classe média. Conforme o partido crescia tornava-se necessário um aprofundamento de seu programa político, até então muito genérico. A partir do I Congresso do partido em 1991, seu programa político começa a amadurecer, distanciando-se de meras enunciações genéricas. Nesse momento o partido tem de enfrentar o estopim da crise do socialismo real e o processo de revisões que se inicia sobre a teoria marxista. No decorrer da década de 90 o partido absorverá os vícios do taticismo e do politicismo⁹, privilegiando a luta parlamentar e um discurso societário global. Nesta nova postura política do partido suas determinações de classe e de revolução socialista quando não desaparecem do seu programa são utilizados como mera retórica. De modo que ao fim dos anos 90 o PT já se encontra prisioneiro do jogo eleitoral. Assim, preso a uma análise imediato-taticista que não lhe permite pensar além da ordem burguesa, acaba privilegiando seu campo de alianças aos movimentos sociais, ou seja, retira do movimento social a sua característica fundamental de agente da ação transferido-a para o partido.

O que fica evidente na evolução do discurso petista nos anos 90 é que o ato de administrar levou o partido a negociar, a modificar a sua orientação e a assumir uma postura mais pragmática no sentido de conquistar postos na institucionalidade burguesa. Todavia essa exaltação à luta no âmbito parlamentar teve como conseqüência um alargamento dos limites de classe as quais o partido representa. Esse processo que já podia ser percebido ao longo dos anos 80 adquiriu nos anos 90 a sua plenitude quando o partido já não mais se dirige aos trabalhadores, mas sim ao “povo”, a “nação”, conceito que neste momento já se apresenta desprovido de qualquer noção de conflito de classes. No lugar de construir uma hegemonia de classe o partido se esforça agora por ser o catalisador de um “novo pacto social” entre as diferentes classes sociais, o qual o partido representaria na medida em que conquistasse o poder do Executivo. Mais uma vez o PT se mostra vulnerável aos erros cometidos no passado pela esquerda mundial.

Ao limitar toda a luta do partido à conquista do poder executivo o partido acaba reduzindo seus esforços à busca de credibilidade no caso de um eventual governo petista. Essa busca de credibilidade,

1964-1984: a reconstrução. Vol 3. Belo Horizonte: Oficina de livros, 1991.

⁹ Entendemos taticismo no sentido de subordinar as lutas políticas dos movimentos sociais as lutas institucionais do partido.

típica dos governos que dentro do neoliberalismo procuram manter “calmos” o mercado de capitais, levou a um abrandamento do discurso político do partido, que a todo o momento ressalta o seu total respeito as regras democráticas estabelecidas. Tal luta pelo governo a todo custo é típico de um partido não possui qualquer tipo de projeto estratégico. Um partido que ao longo de sua existência foi marcado pela recusa ao desenvolvimento teórico, e tornou-se, portanto incapaz de apreender a essência do processo histórico, e acabou perdendo-se nos meandros fenomênicos e fugazes. Uma vez o âmbito da institucionalidade exacerbada e a luta de classes dissolvida, o partido se afasta do espontaneísmo característico da sua relação com os movimentos sociais, entretanto não para elevá-los a um novo patamar de consciência, mas sim para subordiná-los as lutas concernentes aos interesses do partido - cargos parlamentares. Desta forma, preso a luta parlamentar como a principal luta do partido, acaba abandonando a real fonte de seu poder, os movimentos de massas, e com isso desloca o eixo da luta da centralidade do trabalho para a centralidade da política.¹⁰

Quando em 2002 o partido pela primeira vez ganha as eleições presidenciais, as inúmeras concessões programáticas se mostram claramente. A primeira delas, que já deixou claro o sentido que o programa petista tomaria foi a aliança do partido com setores do centro e até mesmo da direita, como vemos na nomeação de José de Alencar do PL (partido liberal), o maior industrial têxtil do país, para o cargo de vice-presidente. Além disso, procurou satisfazer os interesses do capital e seus representantes enfatizando que a economia seguiria um rumo muito semelhante ao do governo anterior, e cumpriria rigorosamente os contratos com o FMI, dando continuidade a política de superávit primário.

Uma vez Lula eleito, o governo sabia que qualquer tentativa de desvio da política econômica neoliberal levaria ao mercado financeiro provocar uma retração na entrada de capitais voláteis, desvalorizando o real e aumentando a inflação. Diante disso ao formarem o governo, Lula e seus conselheiros econômicos, principalmente Antonio Palocci, procuraram conceder os principais cargos a políticos bem conceituados pelo mercado financeiro, como a nomeação de Henrique Meirelles, senador do PSDB e ex-diretor do Banco de Boston, para a presidência do Banco Central.

No decorrer dos anos de seu governo, o PT deixou claro que sua proposta política, econômica e social nem de longe estava perto de uma proposta real de alternativa a ordem do capital, muito pelo contrário muitas vezes se colocava em oposição aos interesses da classe trabalhadora, como podemos ver nas propostas da reforma da previdência, na reforma sindical e na reforma trabalhista. A única alternativa que propunha era uma administração mais humana do capital que se preocupasse mais com o aspecto social, não é a toa que o grande projeto do governo seja o “Fome Zero”.

Todavia, apesar de ter se esforçado ao máximo pela tranquilidade política e econômica em seu governo, o PT a partir de 2004 foi atingido pela primeira de inúmeras acusações de corrupção envolvendo importantes políticos de seu partido. A primeira delas foi a acusação de pagamento de propina por empresários de bingos a Waldomiro Diniz, assessor de José Dirceu, então ministro da Casa Civil. No decorrer de 2005 a situação se agravou profundamente, com as acusações de corrupção nos correios e principalmente as denúncias de compra de votos de deputados, o chamado “mensalão”, além das dificuldades em explicar a origem dos financiamentos das campanhas eleitorais. Até agora as acusações já atingiram o alto escalão do partido, levando a renúncia de José Dirceu do ministério, a renúncia de Genuíno da presidência do partido e o afastamento do tesoureiro Delúbio Soares. A cada dia o número de acusações envolvendo políticos do PT e grandes quantidades de dinheiro cresce. Apesar de Lula negar qualquer envolvimento, torna-se cada vez mais difícil impedir que tais denúncias não o atinjam.

O fato de um partido da “esquerda democrática” chegar ao governo e logo após ser acusado de crimes de corrupção não é característica singular do Brasil e do PT. Pelo contrário, podemos verificar

¹⁰

que partidos de esquerda que trilharam o mesmo caminho petista de privilegiar a esfera institucional em detrimento dos movimentos sociais, e que nos anos 80 chegaram ao governo de diversos países como França, Espanha e Itália, logo após nos anos 90 foram acometidas de inúmeras denúncias de corrupção.¹¹

A grande semelhança entre esses diversos partidos e sua trajetória histórica é que todos desenvolveram uma linha programática muito moderada para ganharem as eleições, chegando até mesmo a fazer concessões a direita uma vez no governo, e principalmente uma vez no poder foram atingidos por inúmeras acusações de corrupção. A proximidade com a trajetória histórico-política do PT é notável. Uma vez que quando chega ao poder em 2002, o partido segue o mesmo caminho e comete os mesmos erros já cometidos anteriormente pelo PSI, PSF e PSOE. Entretanto isto não quer dizer como muitos apontam que o PT de repente sofreu uma inversão a direita. Na verdade os sintomas já podiam ser percebidos ao longo das dificuldades encontradas pelo partido em sua trajetória política. A institucionalização e burocratização do partido, a falta de um projeto estratégico e o consequente favorecimento de uma prática taticista politicista pavimentou o caminho para a prática da corrupção. A exarcebação do politicismo colocou os interesses parlamentares acima de qualquer compromisso social, e a prática da corrupção se tornou o caminho mais fácil.

A grande questão que se coloca atualmente é como a esquerda brasileira responderá a tais eventos. O que deve ser combatido é a idéia de que com a corrupção dentro do PT isso signifique que esta prática seja inerente a natureza humana, e que não exista diferenças entre esquerda e direita. Deve-se ressaltar que não existe fatalismo na condição humana que nos condene a corrupção. Se o PT chegou hoje a tal situação, isso se deve a forma como o partido lidou com os dilemas da esquerda ao longo dos anos. Após 25 anos pensando ser uma nova esquerda, o PT mostrou ser muito parecida com a velha, absorvendo todos os seus vícios, todavia sem as suas qualidades. O caminho trilhado pelo PT reforça a necessidade de intensos debates teóricos a respeito dos dilemas do passado e presente da esquerda mundial, pois na medida que se agravam as contradições do sistema e a miséria humana, se torna fundamental a necessidade de construção de uma organização política de vanguarda com unidade de ação e centrado na classe operária, que resgate o projeto socialista como pensamento estratégico ao sistema do Capital.

¹¹ Na Itália, o PSI (partido socialista italiano) que governou nos anos 80, teve inúmeros de seus políticos acusados de envolvimento em pequenas formas de extorsão. Bettino Craxi, figura política central do partido, teve vários de seus parentes e pessoas próximas presas, mas negava qualquer envolvimento, alegando ser vítima de uma conspiração. Todavia em 1993, aceita a derrota e renuncia a liderança do PSI. A avalanche de acusações de corrupção pelas quais o PSI foi indiciado ficou conhecida como “*tangentopoli*”, levando os socialistas a serem o principal alvo da repulsa popular. Após governar de 1988-1993, iniciou-se uma série de escândalos envolvendo o PS (partido socialista) da França. Mitterand, então presidente, foi acusado de privilegiar amigos em negociações. Além disso, surgiram diversas acusações contra os socialistas por arrecadação fraudulenta de fundos para campanha eleitoral, em geral entrega de notas fiscais falsas, prestações de contas fictícias, sendo o dinheiro repassado para o partido. A imagem pública do partido foi muito atingida, levando o partido a perder metade do seu apoio, enquanto a direita em uma campanha unida ocupou o poder com maioria de quase 80% na assembléia. Na Espanha, após anos no poder, o PSOE (partido socialista espanhol) foi acusado de corrupção por financiamento ilegal do partido por grupos empresariais interessados. As acusações se aprofundaram quando o irmão de Afonso Guerra, vice-presidente, Juan Guerra obteve facilidades duvidosas em Sevilha. Tais acusações desenvolveram grande pressão devido a proximidade entre o então presidente Felipe Gonzáles e seu vice. Além disso, na primavera de 1994 dois dos mais importantes funcionários do governo, os dirigentes do Banco Central e da Guarda Civil, foram acusados de enriquecimento ilícito. Nas eleições seguintes José Maria Aznar, do partido popular (PP), ganhou as eleições. Entretanto logo nas eleições seguintes, em 2004, o PSOE, com José Luis Zapatero chega novamente ao governo, ainda que muito mais por rejeição ao PP do que por simpatia pelo PSOE. Ver ANDERSON, P. *Um mapa da esquerda na Europa ocidental*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.